

# REVISTA ZABELÊ

DISCENTES PPGANT - UFPI

EDIÇÃO COMEMORATIVA



Org. Deanny Stacy Sousa Lemos  
Lorrana Santos Lima - Marcos Figueiredo

# REVISTA ZABELÊ EXPEDIENTE

DISCENTES PPGANT - UFPI

*Revista Zabelê*  
*Discentes PPGANT - UFPI*  
*Programa de Pós-Graduação em*  
*Antropologia da Universidade Federal do Piauí*  
*Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga, Te-*  
*resina, Piauí,*  
*CEP 64049-550 - Tel.: (86) 3237-2152*

## **Reitor**

*Prof. Dr. Gildásio Guedes Fernandes*

## **Vice-Reitor**

*Prof. Dr. Viriato Campelo*

## **Conselho Editorial**

*Abimael Gonçalves Carneiro*  
*Antônio Andreson de Oliveira Silva*  
*Cristhyan Kaline Soares da Silva*  
*Edilson Pereira do Nascimento*  
*Fernanda da Silva Rocha*  
*Jardson Barrinha dos Santos*  
*Jussarina Adriana da Silva Carvalho*  
*Hélio Martins Linhares*  
*Marcos Paulo Magalhães de Figueiredo*  
*Tamires Eidelwein*  
*Vida Marília Miranda Cruz*

## **Editores Chefes**

*Deanny Stacy Sousa Lemos*  
*Lorrana Santos Lima*

## **Organização**

*Deanny Stacy Sousa Lemos*  
*Lorrana Santos Lima*  
*Marcos Paulo Magalhães de Figueiredo*

## **Revisão**

*Os autores*

## **Diagramação**

*Lorrana Santos Lima*

## **Foto da Capa**

*Jaci e a lua*

*Capa ilustrada com a obra “Madrinha lua” feita por Jaci e Lua que retara em suas artes movimento, corpo e tempo.*

*@jaciealua*



# SUMÁRIO

## ENSAIO VIRTUAL

### **Apresentação: Começos, insistências e continuidade: Um ano de Revista Zabelê**

Deanny Lemos/Lorrana Lima/ Marcos Figueiredo .....4

### **Bucetas, mamilos e artes: Autonomia das corpos nas ruas**

Maíra Sara Miranda Cordeiro- Sunsarara.....10

### **Andanças e tecituras: Um olhar akroá-gamella sobre o mundo**

Cruuphoore Akroá-Gamella.....31

### **Série umbigança**

Aline Guimarães Pereira Gomes- Lineea.....50

### **Pelas veias d'água**

Jamires Rayelle da Cunha Martins Sousa- Jamm.....56

### **Ọdọ̀là e a coleção Ifè**

Thamyres Maria Damasceno Macedo/ Laís Korina Rodrigues da Silva.....66

### **Entes Através**

Isis Sabino da Silva- Sabino.....95

### **Com a pedra que atirei ontem**

Ludmila Nascimento Monteiro.....106

### **É a véa**

Consuelo Véa Coroca.....155

# **A**presentação

**EDIÇÃO COMEMORATIVA**

## **COMEÇOS, INSISTÊNCIAS E CONTINUIDADES: UM ANO DA REVISTA ZABELÊ – DISCENTES PPGANT/UFPI**

**Deanny Stacy Sousa Lemos**

Mestre em antropologia

Email: [deannystacy@gmail.com](mailto:deannystacy@gmail.com)

**Lorrana Santos Lima**

Mestranda em antropologia

Email: [lorrana.lima66@gmail.com](mailto:lorrana.lima66@gmail.com)

**Marcos Paulo Magalhães de Figueiredo**

Mestre em antropologia

Email: [marcospaulomagalhaes25@gmail.com](mailto:marcospaulomagalhaes25@gmail.com)





Em dezembro de 2020, no lançamento da primeira edição da Revista Zabelê – Discentes PPGANT/UFPI, os organizadores daquele dossiê escreveram brevemente sobre o processo de gestação de nossa revista<sup>1</sup>.

Pode-se dizer que foi um **começo** peculiar e turbulento. Era o segundo semestre da pandemia de Covid-19. Um momento em que o espinhoso vírus ainda era relativamente desconhecido e não existia nenhum sinal de vacinas.

Entretanto, a distopia sanitária era apenas uma das pedras que surgiu no caminho. Era uma revista nova, ou seja, ainda não qualificada e sem ISSN. Como fazer para transmitir confiança e credibilidade aos pesquisadores e pesquisadoras para publicarem na Zabelê? Como oferecer garantias de que a revista teria um futuro? Não temos como oferecer uma resposta certa para tais questionamentos. Só sabemos que conseguimos.

O segundo obstáculo foi o financeiro. A turma do biênio 2019-2021 foi a última a ser contemplada com bolsas de pesquisa. Não era possível, naquele momento, a obtenção de recursos da universidade para arcar com os custos da diagramação e correção ortográfica. Não restou outra opção. Os quatro organizadores usaram seus próprios recursos para a publicação. Ainda na primeira edição, contamos com a ajuda do antropólogo e fotógrafo Edgar Kanaykô Xakriabá, que com uma bondade e gentileza ímpares, cedeu a foto de capa da primeira edição. Reforçamos novamente que todos procurem saber e apreciar o seu brilhante trabalho.

Pouco tempo depois do lançamento da primeira edição aconteceu a entrada de novos discentes no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPI, a turma do biênio 2020-2022. Logo veio a confirmação da inexistência de bolsas para os então ingressantes. Quem é da área acadêmica sabe a diferença que faz uma bolsa no fim do mês. É o que permite a subsistência material, mas também, o maior envolvimento e participação na vida acadêmica.

A saída que encontramos foi ter que aprender a diagramar na força do

---

<sup>1</sup>“Apresentação: Dossiê Direitos Humanos e Cultura” organizado por Danilo Neves, Stacy Lemos, Marcos de Figueiredo e Tamires Eidelwein.

ódio. Agora a revista conta com dois diagramadores próprios. Aqui, cabe um pequeno adendo. Esta apresentação é escrita por seis mãos. Uma dessas mãos, a de Stacy Lemos, é a mão que aprendeu a diagramar sozinha durante as madrugadas. Em conjunto com toda essa situação, ainda precisaríamos focar nas disciplinas, escrita da dissertação e sobreviver em meio pandêmico.

Foi preciso muita **insistência** para que a segunda edição fosse publicada. Sempre lembrávamos uns aos outros do que deveria ser feito e quando deveria ser feito, inclusive, com alguns puxões de orelha e discussões sobre posicionamentos diferentes quanto a condução da revista. Na publicação da segunda edição, os poucos discentes da turma de 2019 que ainda tinham bolsa dividiram o valor para aquisição da arte da capa. Estava no ar a segunda edição da Revista Zabelê<sup>2</sup>.

Com a segunda edição publicada, finalmente poderíamos requisitar o ISSN da revista. Em um primeiro momento pode parecer algo bobo e sem importância. Todavia, para nós, foi motivo de comemoração. Assim como nos momentos em que os números foram publicados, a obtenção do ISSN pareceu ter marcado a materialização do projeto. Foi como se a revista tivesse finalmente tomado forma. Após a conquista desses oito numerozinhos tão importantes teve início o planejamento do terceiro dossiê, que será lançado quase que em conjunto com a edição comemorativa.

Até a data em que escrevemos está apresentação, a revista está sendo feita por pessoas egressas do biênio 2019-2021, bem como discentes dos biênios 2020-2022 e 2021-2023. O que todos nós da Revista Zabelê – Discentes PPGANT/UFPI queremos é que pesquisadoras e pesquisadores futuros possam se apropriar da revista, garantindo assim, sua **continuidade**. Sabemos que não será fácil. Primeiro porque há muito a ser feito, afinal de contas depois do ISSN nossa meta é conseguir uma boa avaliação e qualificação para a revista. Em segundo lugar,

---

2 Para mais detalhes da segunda edição ver “Apresentação: Dossiê Antropologia Norte e Nordeste” organizado por Abimael Carneiro, Cristhyan Kaline da Silva, Stacy Lemos, Jennifer Pereira e Lorrana Lima.



sabemos que por um tempo será desafiador manter a revista de pé sem recursos materiais, o que faz com que poucas pessoas possam se dedicar ao propósito. Contudo, temos esperança e iremos persistir na construção da revista. Afinal, como bem lembrou uma de nossas professoras em uma aula, “A desgraça é cíclica”.

### **Sobre os ensaios que compõem o Dossiê comemorativo**

É sem falsa modéstia, que podemos nos orgulhar do resultado final da edição comemorativa. Uma pulsão de diversidades, existências, cores e emoções estampam as páginas seguintes. As imagens exprimem uma miríade de lutas e questões, que, atualmente estão pautando boa parte das convulsões e disputas políticas contemporâneas do país. No decorrer do dossiê, as pessoas irão perceber a interseccionalidade das lutas sociais aqui expressas, e também verá como algumas estão em conexão. São imagens, gravuras e objetos que provocam reflexões antropológicas, artísticas, sociológicas e históricas. Em suma, propicia uma discussão interdisciplinar, tão necessária nos dias atuais.

O ensaio **Bucetas Mamilos e Artes: autonomia das corpos nas ruas** é apresentado pela artista urbana, ilustradora e tatuadora **Maíra Sara**. A artista questiona o extremo desconforto presente na recepção às ilustrações que exaltam a sexualidade e orgasmo vaginal. As mulheres materializadas nas paredes por Maíra Sara frequentemente têm seus corpos e prazeres apagados (metafórica e literalmente) e censurados. Aliás, a própria artista expõe como essa censura da corporalidade feminina é impressa na própria linguagem, por isso, ao invés de corpo, as artes de Maíra Sara na verdade retratam corpos ocupando os diversos espaços urbanos.

Em seguida, somos presenteados com o olhar fotográfico de **Cruupohre Akroá-Gamella**. Suas fotos, com toda certeza, irão engatilhar várias sensações e emoções nos espectadores. Em **Andanças e tecituras: um olhar Akroá-Gamella sobre o mundo**, o fotografo consegue captar a

multiplicidade da luta indígena por sobrevivência. Cruupohre nos mostra os esforços coletivos para a reconstrução das casas que foram destruídas por fazendeiros no território, das marchas para Brasília e dos momentos felizes em coletividade. Claro, não é possível deixar de mencionar a relação de Cruupohre e seus parentes com seus encantados e a encantoria<sup>3</sup>.

Outro ensaio que explora outras relações e cosmologias não europeias é o **Ensaio sobre a série Umbingança**. Neste trabalho, **Aline Guimarães**, explora a ancestralidade africana em cinco trabalhos artísticos. As artes, têm como pano de fundo as danças afro-brasileiras e a importância simbólica do umbigo.

**Jamires Martins** com seu colorido ensaio visual intitulado “Pelas Veias D’água”, apresenta-se como mulher ribeirinha e resgata a conexão de Teresina com o rio Parnaíba e o rio Poty, relação essa que por vezes parece esquecida ou ignorada pela população. A artista ressalta o caráter experimental de suas obras, cujas cores e texturas saltam o nosso olhar.

**Thamyres Maria Damasceno Macedo e Laís Korina Rodrigues da Silva** nos brindam com o ensaio fotográfico intitulado **Odolà e a coleção Ifè**. As roupas desenhadas por Thamyres Damasceno foram feitas durante a graduação em Design de moda, que tem como pré-requisito de conclusão, a organização de um desfile. As roupas tem como base uma série de elementos do candomblé. Tal relação entre a moda e o candomblé é esmiuçada pela designer na apresentação de seu ensaio. Já o olhar fotográfico de Laís Korina, permite ao leitor contemplar em sua plenitude as criações de Thamyres.

O instigante ensaio de **Isis Sabino** faz pipocar uma série de debates. A ilustradora e artista urbana coloca nos papeis e nas paredes os sentimentos que perpassam sua existência. Todavia, sua arte também mostra que as questões sociais que a afligem não são exclusividade de seu cotidiano, mas também, do

---

3 Para saber mais sobre o que são e a importância dos encantados recomendamos o artigo “Território Akroá-Gamella: teia de conexão entre os indígenas e os seres encantados” de Stacy Lemos (2021).



de outras pessoas. É preciso frisar como as máscaras sempre estão presentes em seus trabalhos. Como a artista explora a sua própria história de vida, ou seja, a história de Isis e Sabino, é possível tecer reflexões sobre diferentes assuntos: como migração, infância, sexualidades, racialidades e dinâmicas sociais.

**Ludmila Nascimento Monteiro** presenteia nosso dossiê comemorativo com uma história contada através de oito gravuras. É impossível ler **Com a pedra que atirei ontem** apenas uma vez, é bem fácil imaginar as pessoas lendo e visualizando o ensaio múltiplas vezes.

O ensaio seguinte, trata de uma questão que segue persistente na cultura brasileira, a beleza da corporeidade envelhecida. Não por acaso, que nossa artista **Consuelo Vêa Coroca**, conta a história de várias velhices femininas em seu ensaio. **É a Vêa**, instiga o leitor a pensar sobre o envelhecer, seja o seu próprio ou de pessoas próximas. Em suas artes, Consuelo Vêa Coroca nos estimula a criar e recriar histórias circunscritas nos corpos das Vêas ilustradas.

Reiteramos aqui, os agradecimentos para todas as pessoas que contribuíram com suas artes, histórias e emoções para esse dossiê comemorativo. Desejamos a todas, todos e todes uma excelente leitura.

Edição comemorativa

# BUCETAS, MAMILOS E ARTES: AUTO- NOMIA DAS CORPAS NAS RUAS

MAÍRA SARA MIRANDA CORDEIRO

Artista urbana, ilustradora e tatuadora.

Email: [sunsarara@gmail.com](mailto:sunsarara@gmail.com)

**REVISTA ZABELÊ**

DISCENTES PPGANT - UFPI





Maíra Sara ou SunSarara como sou conhecida artisticamente, expresso em meus trabalhos a representação de uma persona através de desenhos, lambe-lambe, bordados, ilustrações, performances, pinturas, tattoos e entre outras atividades no intuito de visibilizar temas sobre a autonomia da corpa e benefícios da siri-rica. Inclusive, adoto essa categoria como uma forma de questionar a imposição de gênero nas palavras. Sou integrante da ODÉ CREW, da Golden Girls, Pussy Caps Krew, Capibara's Crew & Coletivo Mangue, Mochileira, Articuladora, Oficineira, Produtora Cultural, & tatuadora no Ateliê SunSarara em Macaíba (RN).

Meu trabalho se constrói a partir das intervenções nos espaços públicos que representam corpos nuas, me deparei com a intervenção de outros nas artes que espalho na rua, os mamilos e as bucetas são censuradas nas pinturas, como também deixam algo escrito nos lambes ou arrancam em pouco tempo. Além disso, também utilizo as redes sociais como plataforma de discussão sobre a liberdade das corpos, enfatizando a censura de fotografias que mostram o mamilo, sendo elas denunciadas e excluídas por não concordarem com as “diretrizes da comunidade” que consideram o mamilo feminino como nudez que só é permitida quando é “no contexto de amamentação, pós-parto, saúde e atos de protesto”, deixando nítido o controle que tem sobre determinadas corpos e como ela pode ou não se expressar também na realidade virtual. Outro fato que deve ser considerado nesse processo artístico são as palavras que nomeiam o órgão sexual de uma corpa, quando o nome vagina, buceta, pepeca, xoxota e outros sinônimos são contextualizados de maneira equivocada e hipócrita, lidas de forma pejorativa e desconsiderada pela norma culta, elas são também censuradas como palavra/expressão de fala.

Bucetas, mamilos e artes: autonomia das corpos nas ruas



Fotografia tirada por Sunsarara





Fotografia tirada por Tuya Andrade

As primeiras pinturas nos espaços urbanos foram a imagem da corpa de uma mulher nua se masturbando. Quando colocada na rua, a arte está passiva de modificações por outros e é isso o que acontece na maioria das minhas intervenções. No momento que me deparo com a frequência desses fatos, surgem questionamentos que demarcam um aprendizado quanto ao entendimento da arte, quanto ao lugar e fazer artístico, bem como o meu papel de mulher nesse processo. E nessas experiências de estar na rua e o desapego de deixar o que se cria ao tempo e espaço, faço dessa censura, ponto de partida das minhas inquietações, da corpa e discurso que é negado/arrancado/apagado.

Bucetas, mamilos e artes: autonomia das corpos nas ruas



Fotografia tirada por Sunsarara





Fotografia tirada por Sunsarara

Bucetas, mamilos e artes: autonomia das corpos nas ruas



Fotografia tirada por Luciana Lacerda





Fotografia tirada por Ádila Santos



Fotografia tirada por Sunsarara





Fotografia tirada por Sunsarara



A representação da corpa nua feminina ao longo da história da arte foram produzidas em sua maioria pelo olhar machista, olhar este que colocava a mulher submissa, passiva e figurante nos contextos colocados, tornando-a um mero objeto contemplativo. Afirma Barreto (2014) que “as figurações do nu feminino reforçavam o status dominador do homem na ordem social vigente, enquanto a mulher permanecia inerte, devendo ser dominada, subjugada ou idealizada pelo poder físico, social e econômico da potência masculina”. Lynda Nead (NEAD, 1998, p.18 apud BARRETO, 2014) explica que a representação do nu feminino na arte teria intenção reguladora do corpo e sexualidade da mulher. Pensando a arte e sua potência comunicativa, não podemos negar a sua influência na consolidação da sociedade patriarcal, misógina e machista.



Fotografia tirada por Sunsarara





Fotografia tirada por Sunsarara

Bucetas, mamilos e artes: autonomia das corpos nas ruas



Fotografia tirada por Sunsarara



Afirma Barreto (2014) que “as figurações do nu feminino reforçavam o status dominador do homem na ordem social vigente, enquanto a mulher permanecia inerte, devendo ser dominada, subjugada ou idealizada pelo poder físico, social e econômico da potência masculina”. Lynda Nead (NEAD, 1998, p.18 apud BARRETO, 2014) explica que a representação do nu feminino na arte teria intenção reguladora do corpo e sexualidade da mulher. Pensando a arte e sua potência comunicativa, não podemos negar a sua influência na consolidação da sociedade patriarcal, misógina e machista.

No âmbito de intervenções urbanas, a rua ainda é cenário predominantemente masculino e especificamente na cena do grafite, há representações de corpos femininas feitas por homens também. No entanto, é válido questionar o porquê da presença de mulheres e representação pelas mesmas dentro da cena ainda não é notável e respeitado. Como mulher e protagonista dentro da cena, presencio atitudes “sutis” de negação desse espaço ao qual também tenho direito, quando participo de encontros de grafite, por exemplo, sou orientada de como fazer e o que expor na arte que crio, quando pedem pra vestir as personas, “não pode conter seios (femininos)”, “não pode ter buceta”, com justificativas como: “aqui é um muro de escola, crianças vão passar aqui..”, “isso é apologia a pedofilia”, “essa arte é violenta”, “isso é pornográfico”, “não pode porque tem uma igreja aqui na frente” etc. Essas são algumas de muitas atitudes das quais a censura se manifesta, o olhar masculino regulador ainda é fortemente reproduzido no cotidiano. E nesse cotidiano que continuo a realizar minhas intervenções, buscando o meu direito de fala, de estar e gozar no mundo.



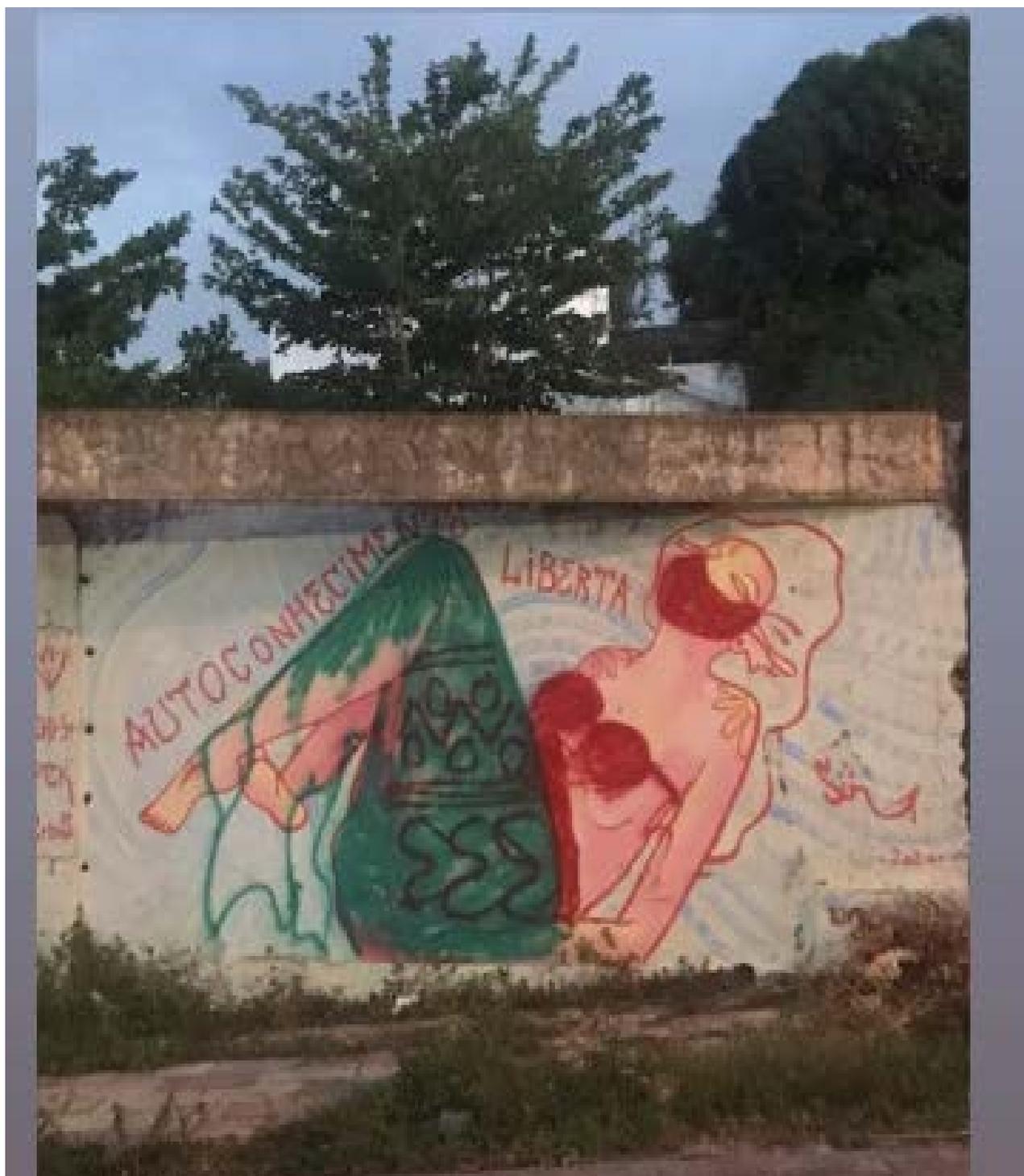
Fotografia tirada por Sunsarara





Fotografia tirada por Marcelo Gandhi durante a exposição Á Nordeste SECS em São Paulo

## Bucetas, mamilos e artes: autonomia das corpos nas ruas



Fotografia tirada por Sunsarara



📶 🔒 📶 56% 🕒 13:59

✕ Instagram



## Sua publicação foi removida

Isso vai contra as nossas **Diretrizes da Comunidade**, as quais incentivam as pessoas a se expressar com respeito. No entanto, você pode nos solicitar outra análise caso acredite que cometemos um equívoco.

Seu(sua) publicação vai contra as nossas diretrizes



": selfietattoo na tétinha 🔥  
:: CUIDADO, AVISO DE GATILHO! vc podje se apaixoná, pq eu toh me achani com esse risquinhuu 😊 sempre tive vontade desses fire nos mamilus (quem n goxta n denuncia, soh deixa de seguir pfvr) teta de maxu tem um bucado por ay tbm, vamax deixar os boobs free neh miagente! Os atendimento estão suspensos nesse período de pandemia, mas os estudos



Saiba mais no Status da conta

Acha que cometemos um engano? [Solicitar uma análise.](#)

Print de tela tirado por Sunsarara



Print de tela tirado por Sunsarara



Fotografia tirada por Sunsarara

Bucetas, mamilos e artes: autonomia das corpos nas ruas



Fotografia tirada por Sunsarara





Edição comemorativa

# ANDANÇAS E TECITURAS: UM OLHAR AKROÁ-GAMELLA SOBRE O MUNDO.

CRUUPOOHRE AKROÁ-GAMELLA

Fotógrafo Indígena AKroá-Gamella

Email: [cruupoohreakroagamella@gmail.com](mailto:cruupoohreakroagamella@gmail.com)

**REVISTA ZABELÊ**

DISCENTES PPGANT - UFPI

Andanças e tecituras: um olhar Akroá-Gamella sobre o mundo.



Revista Zabelê - PPGANT -UFPI - Teresina-PI - Vol. 2, n. 3 (2021)



Me chamo Cruupoohre, sou do povo Akroá-Gamella, Território Taquari-tíua, localizado no estado do Maranhão. Faço parte da comunicação interna do meu povo e da Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão. Meu interesse pela fotografia começou através da observação do espaço e do território onde vivo, todas aquelas paisagens me marcavam muito, seja vendo os pássaros ou esse olhar de cuidado que eles têm, e queria guardar aqueles momentos. Então comecei a fotografar todas as paisagens e momentos que chamavam minha atenção, no início registrava as fotos com a câmera do celular e fui sentindo que precisava de outros equipamentos para captar melhor o que eu queria passar. Um coletivo de mulheres se mobilizaram e uma delas doou equipamentos para mim, foi um momento muito marcante e a partir desse episódio pude capturar o meu olhar sobre o mundo e também compartilhar minhas fotografias.

No começo registrava mais minhas andanças pelo território em que vivo, entendia que aquelas fotos poderiam ser uma forma política de ocupar outros espaços e contar a nossa narrativa akroá-gamella sobre o mundo. Por muito tempo falaram que a gente estava extinto, mas sempre estivemos aqui na nossa luta. Queria que as pessoas conhecessem a minha história e a história do meu povo, sou muito reservado, não sou de falar muito, mas quando eu tiro uma foto tento demonstrar minha fala e sentimento através dela (fotografia). Então, registrava a luta que fazíamos em defesa da nossa vida, dos nossos corpos, da natureza e do nosso espiritual que é uma parte importante na nossa vida. Com as orientações do encantados e dos anciãos utilizo a fotografia para transmitir nossa espiritualidade e contrariar todas as narrativas que reafirmam que estávamos extintos.

Sou muito grato por um coletivo de mulheres me presentear com uma câmera e promover a continuidade das capturas do meu olhar akroá-gamella sobre o mundo, sobre as minhas andanças pelos territórios e espaços de lutas. Essas fotos que compõem este ensaio são um compilado de momentos que fortalecem minha crença na ideia de que nossos pés demarcam nosso território,



então, através das minhas andanças vou demarcando o espaço. Sendo assim, tento demonstrar através do meu trabalho essas caminhadas, andanças, realidades, as vivências das comunidades, ou seja, mostrar os nossos territórios. Bem como, retratar esse tecimento em defesas dos nossos territórios indígenas, quilombolas, sertanejos e de outros territórios. As imagens mostram a teia dessas andanças, os momentos difíceis, as idas e vindas e a vivência do cotidiano.



Andanças pelo território Akroá-Gamella, aldeia Tabocal. Taquaritiua, 2020





Guerreiras e guerreiros cantando em frente ao STF e essa luz de vitória que nos seguia. Brasília, 2021.

Andanças e tecituras: um olhar Akroá-Gamella sobre o mundo.



Foto na comunidade quilombola Tanque da Rodagem. O momento era de luta, estavam reconstruindo as casas que foram derrubadas durante um ataque feito por fazendeiros. Maranhão, 2021.

Revista Zabelê - PPGANT - UFPI - Teresina-PI - Vol. 2, n. 3 (2021)





Foto dos parentes se conectando com seu territórios no Acampamento Levante pela Terra. Brasília, 2021.



Espírito da floresta, corpo e alma Akroá-Gamella, território ancestral Taquari-tua. Maranhão, 2021.





Anciã do Quilombo Tanque da Rodagem contadora da história.  
Maranhão , 2021.



Foto na comunidade quilombola Tanque da Rodagem, em São João, no Maranhão em 2021. O momento era de luta, estavam reconstruindo as casas que foram derrubadas durante um ataque feito por fazendeiros.





Fotografia dos meninos jogando no território akroá-gamella. Maranhão, 2021.

Andanças e tecituras: um olhar Akroá-Gamella sobre o mundo.



Guerreiras e guerreiros reunidos em frente ao STF lutando pelo seus direitos e dizendo não a PL 490. Brasília, 2021.



Essa foto da fogueira foi em um ritual realizado ainda na pandemia, nos reunimos com os nossos encantados para cantar, proteger nossos território, nossas anciãs e anciãos, as crianças, jovens, nossos guerreiros e guerreiras. Território akroá-gamella, Taquaritiua. Maranhão, 2021.



Fotografia dos meninos jogando no território akroá-gamella. Maranhão, 2021.





Fotografia dos meninos jogando no final da tarde no território akroá-gamella.  
Maranhão, 2021.



Dia de farinhada feita com a mandioca plantada nas roças coletivas nas retomadas. Território akroá-gamella, Taquaritiua. Maranhão, 2021.





Fotografia tirada durante a reunião na casa redonda na Retomada Cajueiro.,  
Território akroá-gamella, Taquaritiua. Maranhão, 2021.



Essa fotografia marcar um momento que ainda não poderíamos receber abraço e durante uma visita na retomada Piraí vi esse pequeno guerreiro abraçado com a marreca. De alguma forma simbolizava o jeito que os encantados estavam nos abraçando. Maranhão, 2020.





Dia a dia no território, mesmo com a violência sofrida diariamente no território, nós continuamos sorrindo. Mesmo com a luta a gente não se abate.

Maranhão, 2021.

Edição comemorativa

# SÉRIE UMBIGANÇA

ALINE GUIMARÃES PEREIRA GOMES

Graduanda em artes visuais pela Universidade Federal do Piauí, dançarina, grafiteira e ilustradora.

Email: [lineaaaa.pi@gmail.com](mailto:lineaaaa.pi@gmail.com)

**REVISTA ZABELÊ**

DISCENTES PPGANT - UFPI



Umbigança é uma série de trabalhos artísticos da multiartista da piauiense Aline Guimarães ou Lineea como também é conhecida, onde a ancestralidade é o principal elemento, trabalhada através das danças afrobrasileiras e do uso de tinta natural. O título da série é inspirado na movimentação e na simbologia do umbigo. Quando olhamos para o nosso umbigo, olhamos para nós mesmos, para nossa cultura e nossas pessoas. Aqui, o umbigo é elemento de conexão e de continuidade. A série é composta por cinco trabalhos feitos em lona, com a utilização de geotinta (tintafeita a partir de terra e aglutinantes), carvão, linha e dança.



"A dança como elemento de ligação. O umbigo como passagem. Continuidade"

"A dança, a terra, os pés, nossos umbigos e oris. Juntos.  
Cordão umbilical como caminho por onde passam nossas histórias.  
Cabeça por onde se guarda e se cuida dos nossos"

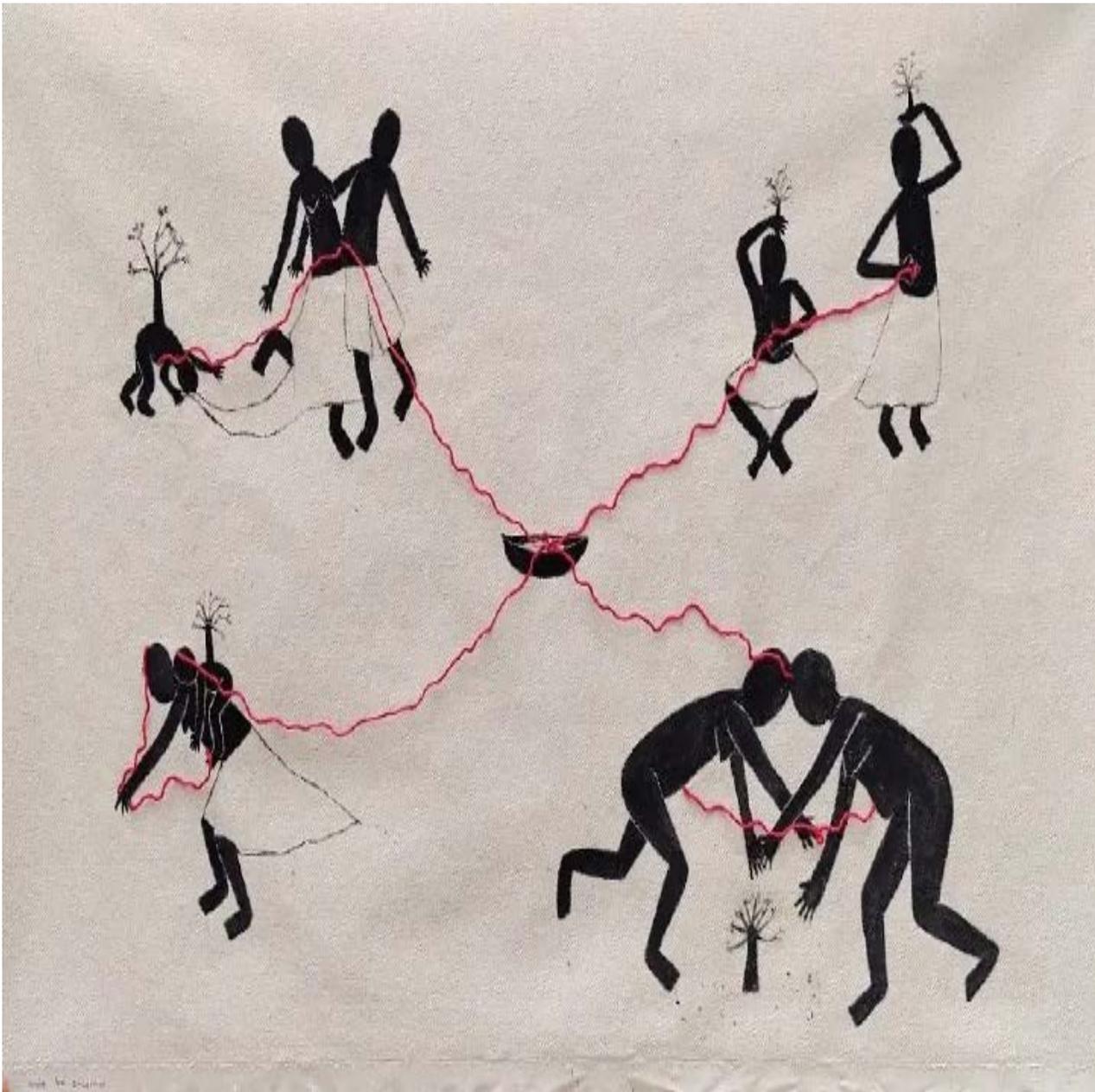


“Umbigos colados,  
eu cuido do teu ori cuidando do meu  
e assim vai”



“Onde há encontro.

Dança, vida e morte, nascimento e atravessos. Onde tudo se encontra, onde há movimento.”



“Plantando o umbigo”



Edição comemorativa

# PELA VEIAS D'ÁGUA

JAMIRES RAYELLE DA CUNHA MARTINS SOUSA

Graduanda em artes visuais, artista e ilustradora

Email: [xananalab@gmail.com](mailto:xananalab@gmail.com)

**REVISTA ZABELÊ**

DISCENTES PPGANT - UFPI



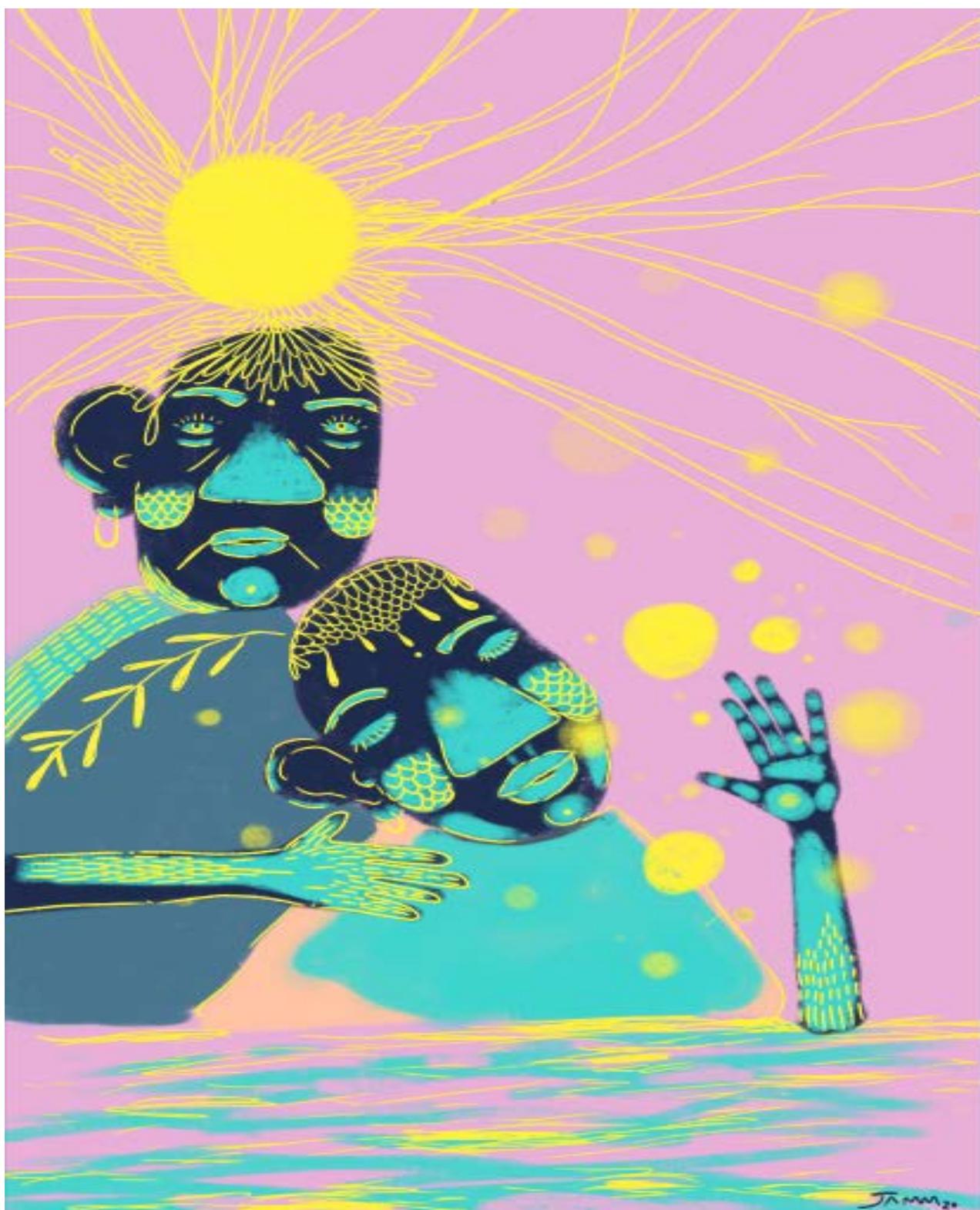
Meu nome é Jamires Martins (Jamm), 25 anos. Mulher ribeirinha, artista visual, umbandista e ciclista das encruzas teresinenses. Minha produção artística visual tem início em 2015, quando embarquei no curso de Artes Visuais aqui no Piauí, onde sempre tive e mantive um olhar curioso para coisas que estejam dentro das temáticas de cotidiano, costumes, flora, cultura, espiritualidade e ancestralidade, principalmente de cunho regional. Há 2 anos atrás, venho pesquisando e fazendo um resgate ancestral acerca da Cidade entre rios e de suas veias d'água Poty e Parnaíba em seus múltiplos aspectos, onde hoje permeiam meus principais estudos e processos de criação artísticos. Atualmente, expresso meus trabalhos por meio de ilustrações manuais e digitais, pinturas, graffiti/mural, e materiais/suportes mais alternativos, sempre considerando a importância do experimentalismo nos processos. Tenho a minha produção de arte como liberdade e veículo de manifestação das minhas heranças de terra, folha e água nesse mundo.

Pela veias d'águas

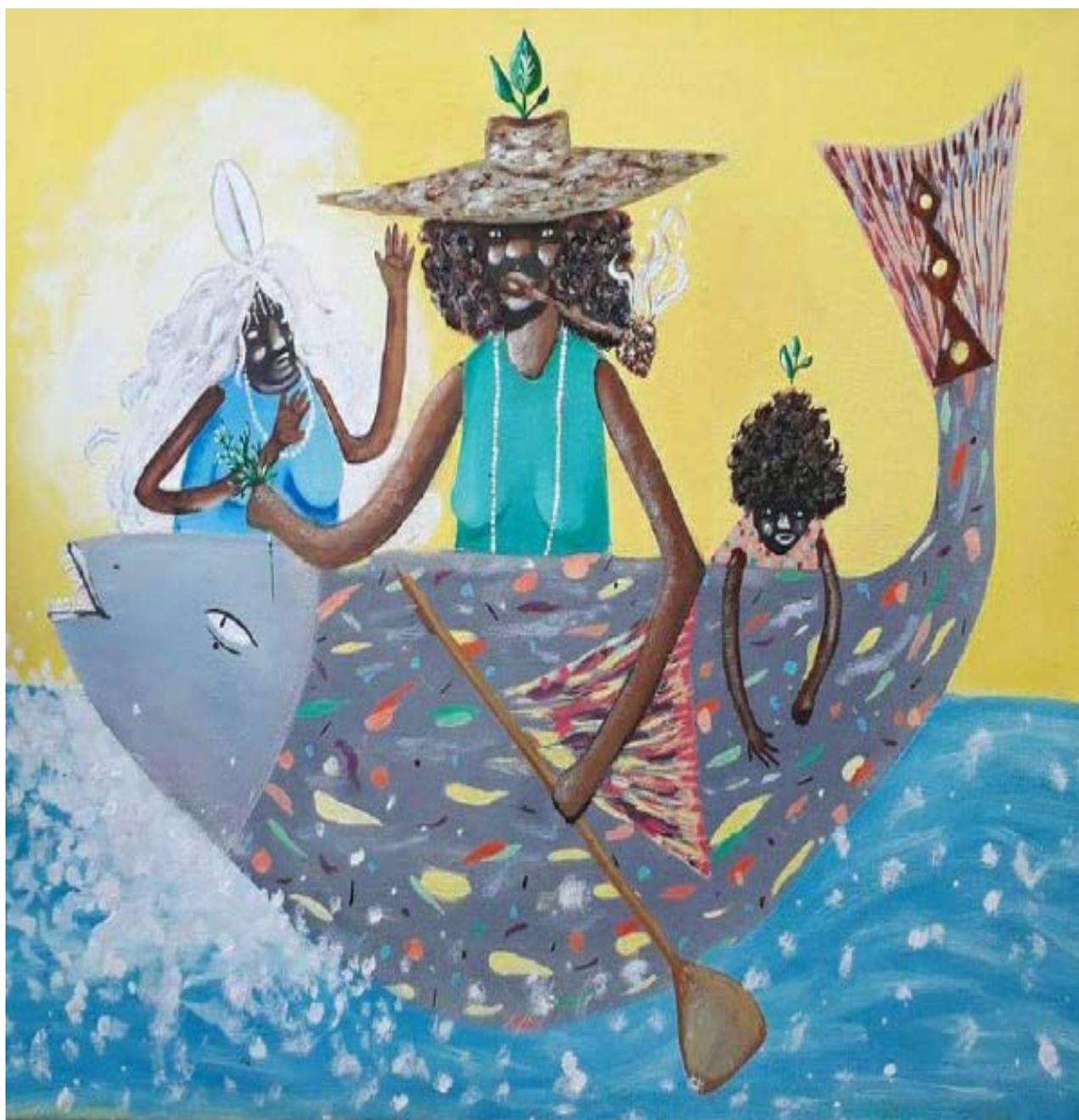
Banho de rio. 2020



Mãe d'água.2020.



Pesca no mar com Odouá.2021





Pela veias d'águas

Preta velha.2020



Garrafada, geotinta e extratos vegetais.2021

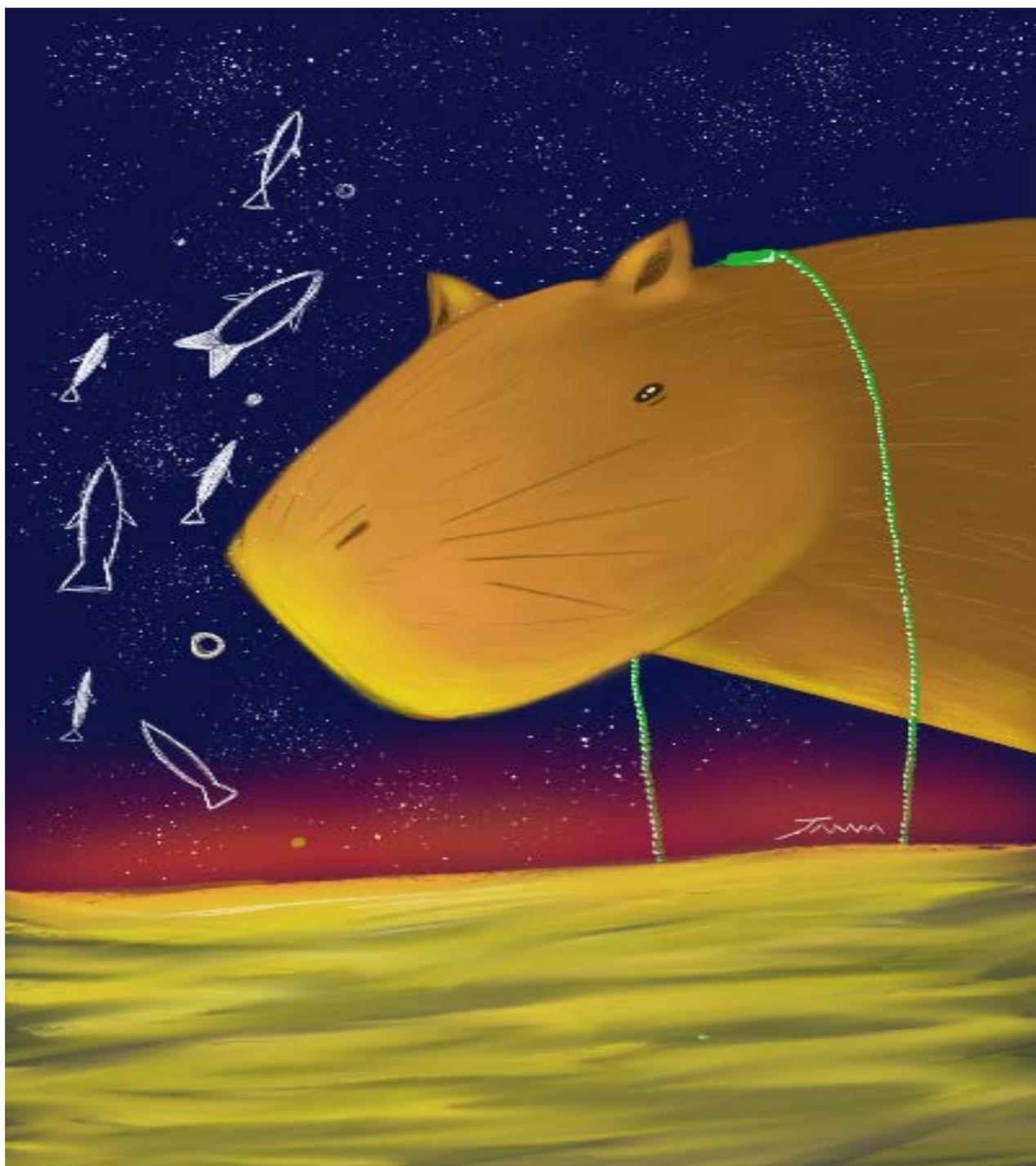


Pela veias d'águas

A casa.2020



O sonho do capivaldis.2021



Edição comemorativa

# ODOLÀ E A COLEÇÃO IFÊ

**THAMYRES MARIA DAMASCENO MACEDO**

Graduada em Desing de moda

Email: mariadamascenotm@gmail.com

**LAÍS KORINA RODRIGUES DA SILVA**

Fotógrafa

Email: laiskorinar@gmail.com

**REVISTA ZABELÊ**

DISCENTES PPGANT - UFPI



Sou Thamyres Damaceno, estilista piauiense e camdomblecista. Minha religião é meu refúgio e minha inspiração. Esse ensaio fotográfico da coleção Ifè surge a partir do desfile de encerramento do curso e conta com a participação da fotógrafa Korina Silva. Sempre tinha em mente durante o curso de moda que iria homenagear algo muito importante na minha vida quando fosse criar minha marca. Depois de procurar tantos nomes em português quanto em yorubá(o idioma que influencia minha religião), encontrei a palavra “Ọdọlà”. De cara, já gostei pois era exatamente aquilo que eu procurava: objetiva e fácil de falar. Ọdọlà quer dizer “O Caçador trouxe prosperidade”

Muitos devem se perguntar: Quem é o caçador? Por que escolhi esse significado? A decisão parte de um momento muito íntimo, quando conheci o candomblé estava desacreditada, sem esperança, sem sonhos. Ao entrar de fato no candomblé, o Caçador Oxóssi (um Orixá da religião) me acolheu, me fez nacer de novo, trouxe força e prosperidade para minha vida. Não poderia escolher outros valores para marca que não fossem os que aprendi no candomblé. Penso em uma marca que vem para valorizar os costumes, cores, significados, tradição, fé e transmitir isso através da moda. O principal intuito é que a marca traga uma sensação de representatividade, valorização e acolhimento para o povo de terreiro. Ao olharem as peças, se sintam felizes por poderem sair usando trajés pensados para o dia a dia que têm como referências à sua ancestralidade.

A coroa junto com o nome Ọdọlà:

A coroa é uma referência a Oxóssi, além de caçador ele também se tornou rei pelo povo na cidade de Ketu, em Benim, no continente africano. Mas a Coroa também é referência a Oxum que é orixá do amor, do ouro, da beleza, fertilidade e foi o grande amor da vida de Oxóssi, além de ter sido um orixá que me acolheu no terreiro e a quem sou completamente apaixonada

## ÌFÉ; AMAR

Asa vivência que tenho em ser de candomblé, foram essenciais para desenvolver essa coleção. Ter renascido através dele é sobre amar o que sou hoje, algo que só o candomblé e os orixás me proporcionaram. Quando eu cheguei no candomblé, em 2017, estava desacreditada, sem fé na vida, e em mim, além de não conseguir visualizar uma perspectiva de vida.. Quando eu comecei a me cuidar, fui resgatando aos poucos tudo que perdi ao longo da vida.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo representando trajes que lembram as cores de Oxalá.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo representando trajes que lembram as cores de Oxalá.



Em 2018 eu me iniciei para Osoosi(Oxóssi) através da Iyaloriá Edarlane de Ayrá, na primeira casa de candomblé do Piauí, o Ilê Asè Oporó Fakadá(Terreiro Cajado de Prata). Desde então costumo falar e mostrar que o candomblé me devolveu as cores da minha vida, e que, Orixá é a luz que me permite viver. As peças que foram usadas no desfile relatam partes da minha vida nessa caminhada que sigo até hoje.

Então como uma forma de mostrar minha gratidão e paixão pela religião e, também, uma tentativa de DAR visibilidade em formato positivo para todas as religiões que têm influência afro. Optei por as cores branco, azul e prateado, bem como, utilizei estampas de folhagens e animal print, para representar a prosperidade e o animal como algo sagrado para a religião.

Inspirando-me na tradição para criar uma coleção que representa o que há de mais tradicional no candomblé: a iniciação, o renascimento. Cada pessoa que inicia e renasce dentro do candomblé para um orixá, é uma pessoa que tem sua vida transformada e sua visão de mundo, vida e fé ampliada. A iniciação que usarei para me inspirar, será a minha.

A cor branca alude o momento pós iniciação no candomblé, o resguardo de 1 ano usando branco do orixá Oxalá que é a paz e a calma, podendo me conectar com minha fé e comigo mesma.

Trago a cor prata pensando no acolhimento que tive pelo orixá Ayrá que é o orixá que minha mãe de santo foi iniciada e para mim foi de grande importância, pois possibilitou virar uma omorixá(filha de orixá) e que é justiça, verdade e amparo. As estampas reportam a Oxum e sua feminilidade, o amor que ela emana para seus filhos, sua doçura, fertilidade e riqueza.

Trago o azul em homenagem a cor de Oxóssi, o orixá a qual eu fui iniciada e pude conhecer o amor de pai, tive a certeza de que nunca estive só, que conseguiu (se consegue todos os dias) me dar forças para enfrentar tudo o que vier pela frente, me fez correr atrás dos

meus sonhos e conseguir me matricular no curso que sempre sonhei em estudar.

Por fim, os búzios nas peças representam o ouro, prosperidade, riqueza e abundância, assim como é para os orixás.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Ayrá.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Ayrá.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Oxum.





Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Oxum.

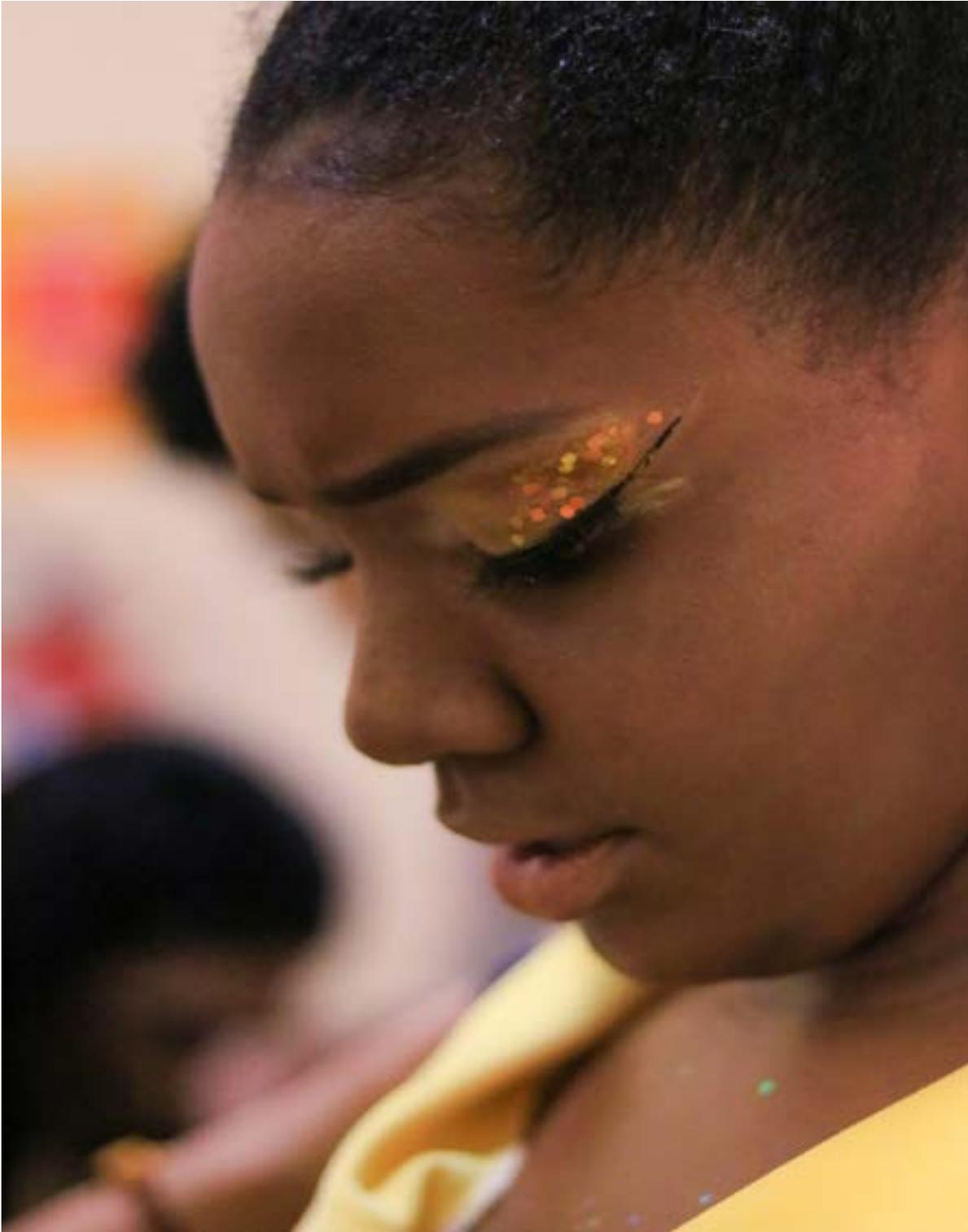


Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Oxum.





Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Oxum.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Oxum.





Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Oxum.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Oxóssi.





Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Oxóssi.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Oxóssi.





Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Oxóssi.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Oxóssi.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Oxóssi.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Oxóssi.





Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Modelo vestindo roupas que representam as cores do orixá Oxóssi.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção.





Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção.



Fotografia tirada por Korina Rodrigues em 2021 durante o desfile da coleção. Thamyres Damacendo e a staff Lívia Raquel (direita para esquerda).





Fotografia tirada por Livia Silva em 2021 durante o desfile da coleção. Estilista Thamyres Damasceno e a fotografa Korina Rodrigues (esquerda para direita).



Fotografia tirada por Korina Silva em 2021 durante o desfile da coleção.



Edição comemorativa

# ENTES ATRAVÉS

ISIS SABINO DA SILVA

Graduanda em artista visual pela Universidade Federal do Piauí, ilustradora, artista urbana, performance.

Email: [isis.sabino.5@gmail.com](mailto:isis.sabino.5@gmail.com)

**REVISTA ZABELÊ**

DISCENTES PPGANT - UFPI

Em casa, na escola e para minha família eu era a Isis. Nas ruas, nos rolês eu era a Sabino. Na adolescência comecei a explorar com mais compromisso meu eu artístico, por ser alguém reservada, busquei expressar o que eu não falava, comecei a desenhar pensamentos, sentimentos e memórias.

Até hoje costumo trabalhar nesta linha de fazer desenhos, pinturas, danças e graffitis sobre pertencimentos e não pertencimentos, usando signos de máscaras, fragmentando essas experiências como a “máscara” de Isis e a “máscara” de Sabino, mostrando as felicidades, tristezas e demais vivências que me atravessavam em diferentes espaços.

Ser uma mulher preta, espiritualizada, periférica, estudante, panssexual e artista é ser um corpo revolucionário e isso faz parte de tudo que já produzi. Somos um acúmulo de histórias, por isso sou uma ilustradora.

## Trajetos



97

Os anos se passam e o medo das mães permanece o mesmo. Trajetos perdidos que acha sempre os nossos.

Autora: Sabino|Dimensões: A4| Ano: 2021 Técnica utilizada: lápis de colorir sobre papel canson 180g.

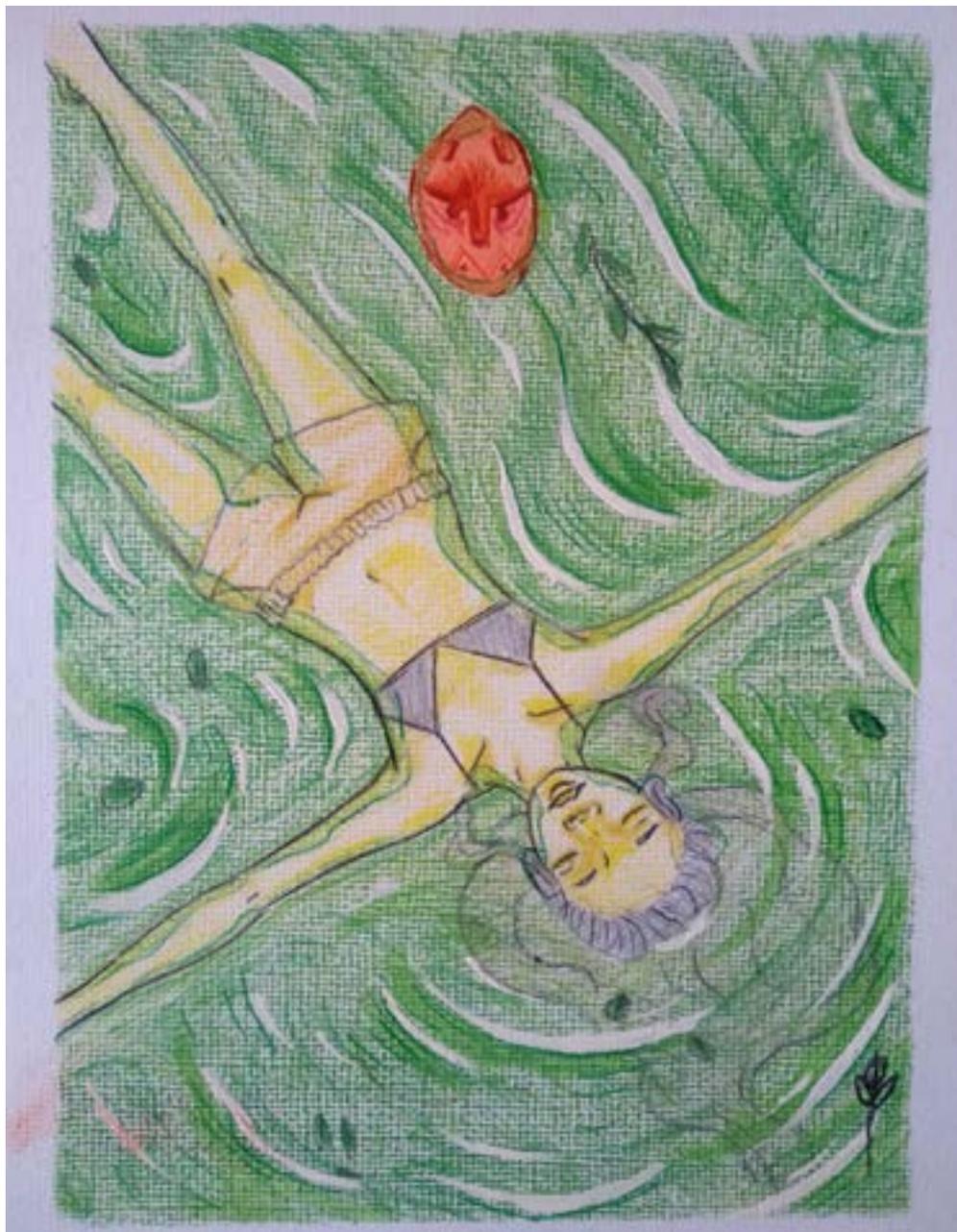
## Crianças camapum



Quando penso na infância, lembro das brincadeiras de jogar camapum, de de entrar na gaiola das galinhas e ler os livros que peguei na escola, da terra e da tranquilidade do interior. Nunca mais vi um camapum, nunca mais senti essa paz, não existe mais esse interior.

Autora: Sabino|Dimensões: A4|Ano: 2021|Técnica utilizada: lápi colorir sobre papel canson 180g.

Paz na memória.



Teresina é uma mesopotâmia. Lembro de todo fim de semana banhar e brincar em um rio, de todos deixarem os problemas em casa e pular das árvores para o rio, mas nunca banhei de rio em Teresina.  
Autora: Sabino|Dimensões: A5|Ano: 2020| Técnica utilizada: lápis de colorir, tinta látex e pigmentos sobre papel canson 300g.

Dar e receber



Para fazer um banho você acende uma tocha(vela) e vai ao rio ou no mar. Sem sair do lugar, entrega sua fé, suas esperanças, suas ansiedades, suas inseguranças, seus medos e felicidades. Para receber e se conectar, para que seus pés voltem para terra que você pegou as ervas, para sua terra, para que aquela tocha ilumine seu caminho, para que aquela água lave e leve você, como fez com seus ancestrais. A fé preta é sobre dar para receber, é sobre os que deram antes de nós para que recebêssemos hoje.

Autora: Sabino|Dimensões: A4 (fora de padrão)|Ano: 2020|Técnica utilizada: lápis de colorir, caneta hidrocor e nankin sobre papel canson 300g.



### Sobre não caber/ pertencer mais



101

O processo do indivíduo de entender as consequências do passado do país, do povo e da raça, é entender que toda capital tenta fazer com que o corpo periférico não se sinta pertencente. A periferia surgiu de um medo, mas também da luta. Tentam diminuir e esconder esses lugares, essas pessoas.

Porém, isso não é possível. Todo corpo periférico é um titã, sua história, sua raiva, seu caos consegue destruir qualquer cidade, mas todo corpo periférico sonha em pertencer-lhe e isso é extremamente cansativo.

Autora: Sabino Dimensões: A4|Ano: 2019|Técnica utilizada: lápis de cor, sobre papel canson 200g

Esperando



Se você se perder, sente-se ao lado de uma árvore e espere. “Seu nome é paciência”, me diz o caboclo, minha vó, minha tia e minha mãe. Toda árvore é um acúmulo de histórias, são raízes tão profundas e não são vistas à olho nu. Toda árvore é uma espera, é preciso a espera, a paciência histórica.

Que meu nome seja paciência toda vez que me perco.

Autora: Sabino |Dimensões: A5|Ano: 2020|Técnica utilizada: lápis de colorir, aquarela e caneta corretiva sobre papel canson 200g..

### Seres



Na pandemia, durante o isolamento, senti uma solidão como não sentia há muito tempo, sem estudo, sem trabalho, pensando que seria eu sem sobreviver. Quando bebia pensava sobre as coisas que sentíamos e fazíamos, em forma de personagens, eles no dia-a-dia, nos acompanhando. Um deles tinha sempre um copo na cabeça, é magro e assustado, mas acolhedor, pensava nele sempre que pensava que gente como eu só se dá mal.

Autora: Sabino | Dimensões: A5 | Ano: 2020 | Técnica utilizada: lápis de colorir aquarelável sobre papel canson 300g

### Cabeção



Curumins crescem e contam a versão da  
história que lhes é contada, a palavra é o que permanece.  
Autora: Sabino| Local: Vila bandeirantes,  
Teresina — PI | Ano: 2019| Técnica utilizada: graffiti sobre parede

Edição comemorativa

# COM A PEDRA QUE ATIREI ONTEM

LUDMILA NASCIMENTO MONTEIRO

Graduada em comunicação visual, ilustradora e grafiteira  
Email: ludmila.n.monteiro@gmail.com

**REVISTA ZABELÊ**

DISCENTES PPGANT - UFPI





Me chamo Ludmila Nascy, sou artista piauiense, tranzito entre as ilustrações digitais e o grafite. Nos meus trabalhos busco explorar diversas técnicas e incorporar elementos que possam retratar aspectos culturais piauienses e nordestinos ou interpretação pessoais sobre a minha realidade, desenvolvendo assim inúmeras personas. Nessas 8 ilustrações digitais, narro o encantamento de um espírito bem te vi após ser encontrado por um humano. Adquirindo características humanas após esse contato, o bem-te-vi multiplica sua presença mágica a partir desse outro plano misterioso.

O título do ensaio dialoga com um famoso ditado de matriz africana sobre Exu e foi baseado em desenhos de observação de bem-te-vis ao redor da lagoa próximo ao local onde a artista mora.



Com a pedra que atirei ontem



sombra do que foi





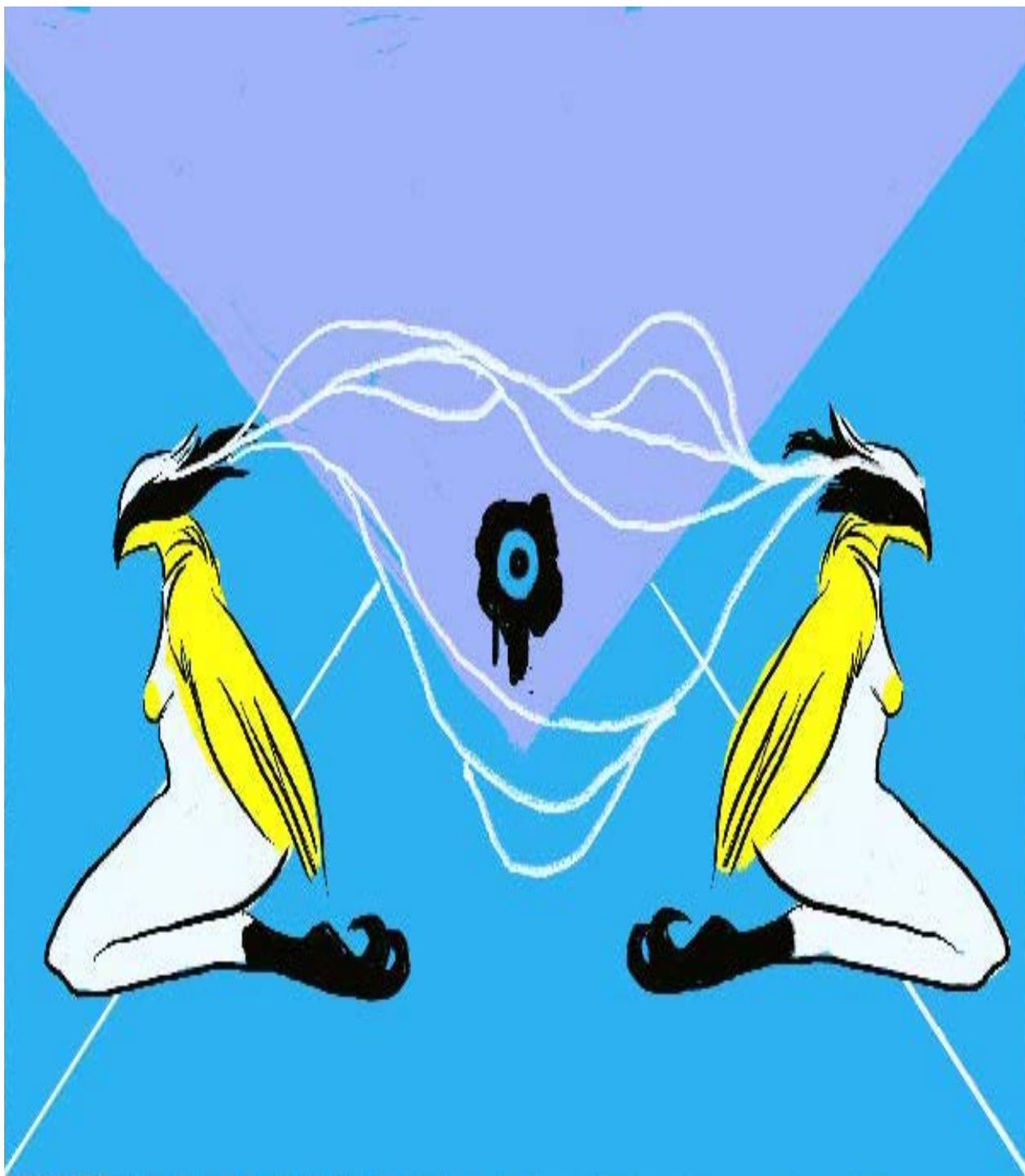
Com a pedra que atirei ontem





Com a pedra que atirei ontem





Com a pedra que atirei ontem



Edição comemorativa

É A VÉA!

CONSUELO VÉA COROCA

Graduada em artes visuais, grafiteira e tatuadora

Email: [consuelooleosnoc@gmail.com](mailto:consuelooleosnoc@gmail.com)

**REVISTA ZABELÊ**

DISCENTES PPGANT - UFPI

Responsável por todes as artes parida por a mesma, que se espalham pelas ruas, e há quase 2 anos, se espalham também por outres superfícies, com a criação de sua marca de vestuário e acessórios “VEA COROCA”.

Artista do agreste potiguar/RN, da cidade de São José do Campestre, originária Tapuya/Guarayra, assina “C.O” nos seus trabalhos. Licenciada em Artes visuais, pesquisadora de intervenções de rua e suas cartografias, atua nas ruas desde 2013 com pixos, pinturas, lambes e stickers. Trás nos seus trabalhos a protagonização de corpxs marginalizadx/ invizibilizadx, corpxs esses que trazem cicatrizes, que são velhos, essas senhoras sábias. Pioneira nos estudos de cicatrizes como o do câncer de mama nas ruas, leva o questionamento do silenciamento desses corpxs. Traz sua persona, uma Vea encaputchatdx, na qual espalha por onde passa, junte com grafismos nativos originários. Além de questionar nxs seus trabalhes o aumentx drástique dos agroquímicos nos alimentos e na terra. Estuda pintura e traços não só nas telas e muros, como também, em peles, a modificação corporal faz parte do seu ser, sendo andarilha desses mundos transdisciplinar da arte e vida.



Proteção em dose dupla



É a véa!

## Mergulho



É a véa!

A véa



119

É a véa!

Mães de curumins



Comer um pedaço de tempo e eternizá-lo



121

Escorrendo



É a véa!

É a véa na guerra



É a véa!

É a véa



123

É a véa!

Camisa “Escorrendo”



Camisa “Agro é veneno. Agro é câncer. Agro é morte”



É a véa!

## Corpos marginais e dedos da catão





# REVISTA ZABELÊ

DISCENTES PPGANT - UFPI